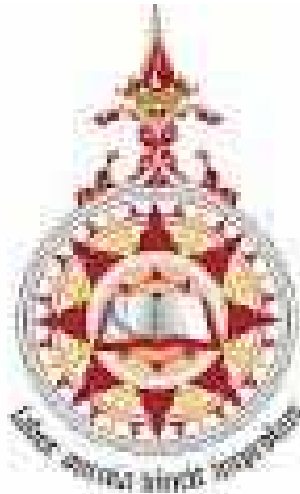


Silnei Croch Gouveia Inroga

**O Papel da Rádio Moçambique na Promoção da Diversidade
Cultural**



**Universidade Politécnica
A POLITÉCNICA**

Maputo

2014

DECLARAÇÃO

Declaro que esta Monografia Científica é resultado da minha investigação pessoal e das orientações do meu supervisor, o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionados no texto, nas notas e na bibliografia final.

Declaro ainda que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição para obtenção de qualquer grau académico.

Maputo, 2014

(Silnei Croch Gouveia Inroga)

Dedico está monografia aos Meus avós Paternos e Maternos que, cedo partiram para junto do pai Celestial, e hoje não podem partilhar desta alegria com os meus pais.

Aos meus tios que tão Jovem partiram e deixaram nos numa eterna saudade.

Não há dia que não penso em vocês, o meu muito Obrigado por olharem por mim.

Agradecimentos

Agradeço a Deus primeiro, por me ter dado Saúde e força para a realização deste trabalho, por ele ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, meu pai Armando Inroga, por me ensinar que o melhor caminho para o sucesso e a vitória na vida era escola e contribuir para que esse desejo se materializa-se, tendo acreditado que eu seria capaz, a minha mãe Celeste H. Gouveia que me encorajava todos dias a conclusão do Grau de Licenciatura e meus irmãos.

Ao professor Dr. Aurelio Ginja pela paciência, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão, pela amizade, pela orientação, pelo incentivo que tornaram possível o desenvolvimento e conclusão desta monografia.

Agradeço também todos os professores que me acompanharam durante este tempo todo até chegar a graduação, em especial Prof. Miguel Ndapassoa por me ter ajudado na recolha do material e ter aberto as portas da Rádio Moçambique para que eu pudesse fazer esta investigação que foi importante para realização deste trabalho.

Ao grupo das meninas, que fizeram parte do meu grupo de estudo durante estes anos, que juntas partilhamos ideias, e conhecimento.

Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo que tenho produzido na vida.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Resumo

O presente trabalho teve como foco de estudo a Rádio Moçambique (RM) numa perspectiva de busca e compreensão da contribuição da mesma, para a promoção da diversidade cultural. Com base num referencial teórico, que discute a questão da língua, sua importância para a cultura e para a sociedade, bem como o conceito de diversidade cultural, no contexto da sociedade moçambicana.

A pesquisa procurou identificar as contribuições desta instituição de comunicação social, na promoção da diversidade cultural em Moçambique. Neste âmbito, procurou-se entender a aplicabilidade do conceito de diversidade cultural, no contexto de meio de comunicação de massas e na sociedade moçambicana respectivamente. Em termos metodológicos, através da técnica de entrevista semiestruturada procurou-se, não apenas captar a percepção dos provedores, mas também dos beneficiários, obedecendo a uma abordagem metodológica qualitativa, com vista a obter-se a sensibilidade destes, sobre a actuação da Rádio Moçambique, no que concerne à promoção da diversidade cultural em Moçambique.

Palavras-chave- *Língua, Cultura, Diversidade cultural, Rádio Moçambique*

Lista de Abreviaturas

RM- Rádio Moçambique

LP- Língua Portuguesa

LN-Línguas Nacionais

TAB- Tabela

TIC's - Tecnologias de Informação e Comunicação;

RCM- Rádio Clube de Moçambique

OM-Onda média

RNDHM-Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano de Moçambique

Índice

CAPÍTULO I	1
Introdução	1
1.1. Apresentação do Tema	1
1.2. Formulação do problema	3
1.3. Pergunta de pesquisa	4
1.4. Objectivos.....	4
1.5. Justificativa.....	4
1.6. Hipóteses.....	6
1.7. Estrutura do Trabalho	7
CAPÍTULO II	8
Referencial Teórico Conceptual	8
2. A Diversidade cultural e Linguística sob ponto de vista Moçambicano	8
2.2. Línguas Nacionais	9
2.3 A Cultura- Conceito	13
2.3.1. Língua e Cultura.....	14
2.4. Diversidade Cultural	16
2.4.1 A Diversidade Cultural no Mundo de Hoje.....	16
2.4.2. Diversidade Cultural e a Globalização	18
2.5. Multiculturalismo	19
2.6. Interculturalismo	20
2.7. As línguas nacionais na Publicidade Da Rádio Moçambique	20
2.7. Importância das línguas nacionais na cobertura eleitoral.	21
2.7.1 Informação	22
CAPÍTULO III	24
3. Metodologia De Investigação.....	24

3.1.2. Tipo e Abordagem de Pesquisa	24
CAPÍTULO IV	29
4. Breve Historial da RM.....	29
4.1.2. Critério de Selecção das Línguas	33
4.1.4. Natureza e Características dos programas da RM (em Línguas Nacionais)	34
4.1.4.1. Programas Infantis	34
4.2. Apresentação dos Resultados das Entrevistas	36
4.2.1. Visão dos Provedores	36
4.2.2. Visão dos Beneficiários.....	38
CAPÍTULO V	40
5.1. Conclusão	40
Recomendações	43
Bibliografia	44

CAPÍTULO I

Introdução

1.1. Apresentação do Tema

A diversidade cultural em Moçambique é um fenómeno que se manifesta de forma bastante complexa. A pesquisa de base foi levada a cabo em Maputo, não obstante ter sido considerada a diversidade referente ao País inteiro com algum foco nas províncias de Gaza, Inhambane e Quelimane e Tete. A diversidade cultural remota à História do surgimento de Africa, sendo visto como o processo que auxilia a inserção do homem através da variedade de crenças, valores e comportamentos.

De acordo com (SERFERT 2005, p. 2) a Diversidade cultural no conceito actual, possui duas linhas inseparáveis, que são motivo de discussão global, pois estão reflectidas nos documentos internacionais. A autora salienta, neste âmbito, que a primeira está ligada ao contexto da diversidade dentro de uma sociedade específica, onde os indivíduos possuem características individuais heterogéneas que em conjunto constroem a identidade nacional, cuja preocupação é a manutenção dos seus direitos da democracia cultural e da busca da igualdade das minorias. E a segunda esta inserida no contexto mundial da troca dos bens e serviços culturais e busca um intercâmbio equilibrado entre os países.

Ainda no mesmo âmbito, de acordo com (SERFERT 2005, p.2) as duas linhas supramencionadas precisam ser garantidas pois sem a manutenção da identidade cultural de um povo, feita principalmente através das suas políticas públicas, suas expressões culturais não conseguirão ser produzidas, o que empobreceria o diverso mundo das trocas, das experiências, dos locais, dos indivíduos. Por conseguinte, constitui para nós um foco motivacional importante, a abordagem do papel dos órgãos de comunicação social na promoção da diversidade cultural, e no caso vertente a Rádio Moçambique.

Ainda no concernente a diversidade cultural, dada a natureza do nosso trabalho, importa aplicá-la ao contexto de Moçambique. Neste âmbito, segundo (LOPES 2011, p.72) quando se presta atenção a origem étnica, aos códigos linguísticos, as referências confessionais, as

correntes políticas, aos estilos de vida, depara-se com uma rica diversidade cultural que manifesta em Moçambique.

Neste sentido, para (LOPES, 2011, p.72) é preciso que as diferentes culturas, meios sociais, classes e segmentos de classes mantenham, cada uma, sua especificidade ao mesmo tempo que entram em equilíbrio com as demais, sem que se possa registar entre elas uma relação de dominância ou, em todo caso, de sufocação.

Por existir essa multiculturalidade, em Moçambique, surgiu a vontade de estudar o papel da Rádio Moçambique na promoção da diversidade cultural, concentrando-se no facto de saber o que a Rádio pode fazer para a promoção, inserção, divulgação da diversidade cultural, no contexto do nosso país, assumindo-a como uma riqueza. A Declaração Universal da Unesco sobre diversidade Cultural, aprovada por 185 estados membros em 2011, apresenta um padrão, para preservar e promover a diversidade cultural e o diálogo intercultural.

De acordo com Libombo (2011) o objectivo da emissora de serviço público deve ser o de transmitir programas de rádio ou televisão que sejam polivalentes, variados e equilibrados para todo o público, incluindo grupos étnicos minoritários, nacionais, religiosos e outros. *As emissoras de serviço público devem oferecer uma multiplicidade de pontos de vistas em línguas faladas pela população. Esta obrigação é particularmente maior quando as emissoras de serviços públicos forem as principais fontes de informação.*

As emissoras de serviços públicos devem prestar serviços para todos os cidadãos, pelo menos durante um determinado período do dia. Elas não devem concentrar os seus esforços em tornarem-se vocacionadas a um auditório de elite.

Estes pressupostos teóricos constituem uma base, que fundamenta a pertinência desta pesquisa em torno do contributo da Rádio Moçambique, como entidade que assume o Serviço Público de Radiodifusão, em prol da promoção e valorização da diversidade cultural em Moçambique.

1.2. Formulação do problema

A Promoção da cultura constitui um dos pilares, para o desenvolvimento de um país. Neste âmbito, a RM, dada a sua abrangência territorial e impacto no seio das comunidades, é um instrumento para a difusão do conhecimento e democratização de uma sociedade. Por conseguinte, este estudo radica na necessidade de identificar, analisar e compreender as implicações, resultados e perspectivas de uma programação radiofónica, que busque espelhar a diversidade cultural existente no País. Assim sendo, as questões fundamentais que nortearam a nossa pesquisa, e consubstanciaram a problemática da nossa pesquisa são:

- Sendo Moçambique um país onde a cultura oral é predominante, e veiculada, principalmente, pelas línguas bantu, como é que isso está reflectido na programação da Rádio Moçambique?
- Como são concebidas as línguas de origem bantu e as culturas nos órgãos de comunicação social, tendo em conta uma relativa hegemonia da Língua Portuguesa, como língua oficial?
- Em que medida a Rádio, sendo um meio de comunicação de massas, e que chega até aos locais mais recônditos, consegue espelhar através da sua programação a diversidade cultural, existente em Moçambique?
- Até que ponto os programas em línguas Moçambicanas (maternas) contribuem para a preservação da diversidade cultural e linguística?
- Se a garantia do direito à informação passa, necessariamente, pela questão educativa, dado que a Educação assegura a aquisição e consolidação de habilidades cognitivas com vista à interpretação da informação que se é fornecida, em que medida se pode falar em democracia participativa num contexto plurilinguístico se o factor língua pode condicionar o acesso a informação?

Estas questões foram concebidas tendo em conta o disposto no Artigo 9, da Constituição da República de Moçambique sobre as línguas nacionais, em que se postula que “ O Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade”.

1.3. Pergunta de pesquisa

A rádio sendo um meio de comunicação de massas, tem, a prior, um papel preponderante para a diversificação cultural! Com efeito, cabe-lhe, neste âmbito, salvaguardar os interesses da sociedade ao nível de circulação e pluralidade da informação. Afinal, a informação é considerada um direito e uma ferramenta da sociedade, para compreender e se movimentar na realidade. Assim sendo a minha pergunta de pesquisa é:

- Em que medida a programação da RM nuns pais multicultural como o nosso promove a interculturalidade?

1.4. Objectivos

a) Objectivo Geral

Compreender de que forma os programas de RM resgatam e promovem a diversidade cultural de Moçambique.

b) Objectivos específicos

1. Identificar os programas que mais contribuem para a promoção da diversidade cultural;
2. Avaliar os mecanismos usados pela rádio para a promoção da diversidade cultural.

1.5. Justificativa

A escolha do tema sobre o papel da RM na promoção da diversidade cultural, no concernente à diversidade deveu-se ao facto de, em primeiro lugar, acharmos que, sendo aquela instituição, um órgão público e que movimenta massas em todo o país e além-fronteiras, pode, através das suas actividades e programação contribuir para uma maior promoção da informação no âmbito da diversidade cultural e linguística para os cidadãos moçambicanos.

Esta nossa perspectiva encontra base de sustentação no conceito de “Público de (ARENDT, 1997, p.59).

Segundo a autora, o termo “público” denota dois fenómenos intimamente correlatos, mas não perfeitamente idênticos. Neste âmbito, a supramencionada autora postula que “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem maior divulgação possível”.

É dentro deste contexto, que estamos a pensar na actuação da RM e a relacioná-la com a questão da promoção da diversidade cultural e linguística. Com os programas em línguas nacionais a RM, apresenta-se como um espaço ideal de convivência e incentivo, para o conhecimento, expansão e interesse pela diversidade cultural, entre outros objectivos, a construção de uma sociedade que valoriza a multiculturalidade, em Moçambique.

Segundo (DIAS, 2006, p.11) em Moçambique, é imprescindível a promoção das línguas bantu, pois apesar da disseminação crescente da Língua Portuguesa, as línguas bantu são as mais faladas e constituem as línguas maternas da maioria da população conforme atestam as estatísticas. A agravar a situação está o fraco domínio do português, única língua oficial, factor que dificulta a comunicação entre as populações e o Estado, colocando-as a margem da dinâmica do desenvolvimento económico e da cidadania. Ainda segundo este autor o domínio do LP constitui, no contexto do nosso país, factor imprescindível de ascensão social, de afirmação política e de maior probabilidade de sucesso económico e social no cenário competitivo de uma sociedade neoliberal onde impera a economia de mercado.

No âmbito da diversidade que caracteriza o nosso cenário cultural, é de suma importância a garantido direito à informação. Este direito é assegurado pela Constituição de Moçambique, no artigo 48, § 1º, segundo a qual “todos os cidadãos têm direito à liberdade de expressão, à liberdade de imprensa, bem como o direito à informação” (Moçambique. Constituição da República de Moçambique). Por conseguinte, o factor linguístico constitui um elemento central a ter em conta.

Para (ARAÚJO, 1998, p.34) no contexto das práticas sociais, a informação é um elemento de fundamental importância, pois é através do intercâmbio informacional, que os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir daí, tomam

decisões sobre suas vidas, seja ao nível individual ou colectivo. Assim, ao estabelecerem circuitos comunicacionais, constroem as práticas informacionais.

Por conseguinte, é pertinente um estudo desta natureza para uma melhor compreensão e valorização do lexema “Diversidade” tanto linguística como cultural, fundamentado na necessidade de verificar em que medida a diversidade linguística e cultural constitui uma prioridade assumida e reflectida no quotidiano da programação da Rádio Moçambique, visto que se trata de um órgão público de comunicação.

1.6. Hipóteses

A Rádio Moçambique é o único órgão de comunicação social em Moçambique que abarca todas as províncias do país, facto confirmado pela existência de um Centro Emissor em cada capital provincial e considerando que o desenvolvimento e consolidação cultural de um país assenta no reconhecimento e na assunção da diversidade étnica, linguística e religiosa do país, sobre a qual se cristaliza o sentimento de coesão e a consciência de pertença à nação pressupomos para esta pesquisa que:

- a)** A Rádio Moçambique tem contribuindo de forma segura, para a divulgação e valorização da diversidade cultural e linguística. Assim sendo, tanto a programação como os serviços fornecidos por esta emissora tendem a contribuir para a valorização da diversidade cultural e linguística.

- b)** A Rádio Moçambique não tem contribuindo de forma segura, para a divulgação e valorização da diversidade cultural e linguística.

1.7. Estrutura do Trabalho

A presente monografia está dividida em cinco capítulos:

Capítulo I – Integra a introdução em que se apresenta o problema de pesquisa, os objectivos, a justificativa e as hipóteses.

Capítulo II - Referencial Teórico – está dividido em tópicos compostos pela apresentação dos conceitos relacionados com a cultura, e focaliza a diversidade cultural. A Diversidade Cultural e Linguística de Moçambique. – Onde se faz uma contextualização em torno da diversidade cultural e linguística, e se expõe alguns dados sobre Moçambique, pertinentes a pesquisa

Capítulo III – Metodologia de Investigação – Esta apresentado os caminhos seguidos para a colecta dos dados da pesquisa. Neste âmbito, procede-se à descrição e análise dos dados recolhidos a partir das entrevistas, da análise documental e das observações efectuadas, tentando mostrar as inferências das relações de causa/efeito, dos fenómenos constatados nas análises;

Capítulo IV – Análise de resultados – Os resultados obtidos na pesquisa de campo, a visão dos provedores e dos beneficiários.

Capítulo V- Considerações Finais - este capítulo foi destinado às conclusões e às sugestões sobre as principais questões levantadas ao longo do presente trabalho, remetendo para a realização de pesquisas futuras.

CAPÍTULO II

Referencial Teórico Conceptual

2. A Diversidade cultural e Linguística sob ponto de vista Moçambicano

A luta de libertação nacional marcou o início do processo de formação da Unidade do Povo moçambicano como Nação. Segundo (ABRAHAMSSON, 1998, p.31) a FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique - conduziu a luta durante 10 anos, e formou o primeiro governo com um programa de trabalho orientado para a construção de uma sociedade socialista, opção essa tomada em função da conjuntura política internacional que, “permitia aos jovens estados do terceiro mundo escolher estratégias socialistas para a sua política de desenvolvimento.

Entretanto, segundo o mesmo autor (ABRAHAMSSON, 1998, p.168) em 1976 surgiram os primeiros indícios de desestabilização, cujo desenvolvimento atingiu a forma de uma guerra civil alargada a todo o país, sobretudo, na década de 80, opondo o governo e a RENAMO – Resistência Nacional de Moçambique.

As motivações que levaram a RENAMO a pegar em armas se circunscrevem pelo fato de a FRELIMO ter aderido à política socialista. Assim, por intermédio da desestabilização, a RENAMO pretendia “obrigar a FRELIMO a transformar a sua política económica socialista, a abandonar o bloco de leste e a juntar-se aos princípios da economia de mercado e de democracia.

De acordo com Dias (2006) a desestabilização provocada por este conflito foi agravada, ainda, por agressões militares, que a Rodésia fez a Moçambique, mais tarde transferidas para o regime de *apartheid* da África do Sul.

Segundo o mesmo autor, a partir de 1987 tiveram início os esforços, tendentes ao estabelecimento de conversações entre a FRELIMO e a RENAMO, o que veio a acontecer em 1992. Este processo culminou com a assinatura dos ‘Acordos Gerais de Paz’. Assim, cessaram as hostilidades e iniciou-se a um processo de paz e reconciliação.

Neste mesmo âmbito, Dias (2006) realça que, neste país o processo de cessar-fogo decorreu sem grandes incidentes, pelo que em Outubro de 1994 realizaram-se as primeiras eleições multipartidárias e presidenciais, e, em 1998 as primeiras eleições para os órgãos locais (Municipais).

2.2. Línguas Nacionais

Moçambique foi colónia portuguesa. Neste âmbito, o português é a língua oficial do país e foi imposto como o símbolo da identidade cultural portuguesa, tornando-se um instrumento da política promovida pelas autoridades portuguesas.

Existem também as línguas nacionais que são faladas pela maior parte da população tornando-se, assim, num País multilingue. A região sofreu grande influência dos povos bantus que foram poder de coesão social e da mobilidade. Assim sendo, de acordo com (FIRMINO, 2006, p.47) as línguas bantu se restringem, geralmente, aos domínios das relações de família, vida social, tradicional, rituais religiosos, entre outros.

No mesmo âmbito (FIRMINO, 2006, p. 47) as línguas em Moçambique podem se dividir em dois grupos, o das línguas autóctones e o das línguas de origem estrangeira. No contexto desta divisão, as línguas nacionais são todas de origem bantu.

Ainda, segundo (FIRMINO, 2006, p. 47) o censo nacional de 1980 identifica 23 línguas que constituem o grupo das línguas nacionais que são as mais faladas pela maioria dos moçambicanos. Tendo ele posto 24 línguas.

1. Swahili;
2. Mwani (Kimwani);
3. Yao (Ciyao);
4. Maconde (Shimakonde);
5. Macua (Emakhuwa);
6. Lomwe (Elomwe);
7. Ngulu;
8. Koti;

9. Marendje;
10. Chuabo (Echuwabo);
11. Nyanja (Cinyanja);
12. Kund;
13. Nsenga;
14. Nyungwe (Cinyungwe);
15. Sena (Cisena);
16. Shona (Cishona);
17. Tswa (Xitshwa);
18. Tsonga (Xitsonga, Xichangana);
19. Ronga (Xironga);
20. Chope (Cicopi);
21. Bitonga (Gitonga);
22. Zulu;
23. Swazi;
24. Phimbi;

Segundo Mendes (2000), as línguas moçambicanas são aquelas que oferecem melhores condições de comunicação aos falantes. Para além das funções emotivas e veiculares, as línguas moçambicanas estabelecem, também, a relação de identidade entre o falante a tradição e a cultura. É através da transmissão oral, que se transmite conhecimento de geração em geração, geralmente veiculada por estas línguas, e pela cultura.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR LÍNGUA MATERNA



GCRM-5

Tab: Distribuição da População Por Línguas

As línguas autóctones, são as mais faladas pela população moçambicana, ocupando 98% dos falantes de línguas maternas, e o português que só é falado como língua materna por 1,9% da População.

De acordo com (FIRMINO, 2000, p.72) as línguas autóctones de Moçambique não só comunicam mensagens, como também identidades étnicas. Neste contexto, de acordo com o mesmo autor, se um moçambicano conhece uma língua autóctone, essa língua é, muito provavelmente, a que se associa ao que ele sente pertencer e à zona de onde os seus pais são originários. Assim, para muitas pessoas, a língua autóctone que a pessoa fala ou afirma falar, à qual se refere como “minha língua”, é o maior indicador da sua origem étnica, aquela a que pode recorrer para reivindicar a sua identidade étnica.

Focalizada a nossa Monografia na diversidade cultural, de que a língua é o principal veículo consideramos importante a formulação de Dias (2006), segundo a qual, a utilização da língua autóctone, na escola aprimorará o seu domínio, o seu enriquecimento e desenvolvimento, contribuindo para uma igualdade de estatuto social, assim como para a sua utilização pública.

De acordo com o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano de Moçambique (RNDHM, 2000, p.52), não existe ainda consenso sobre a forma de gerir a relação das diferentes línguas existentes no território. Na prática, “vive-se o dilema da coexistência assimétrica e competitiva das línguas ex-colónias e das línguas indígenas africanas”. Essa situação, de acordo com Machel (97) apud. (LOPES, 2004, p.72) pode gerar contradições étnicas: pois nós sempre fomos uma sociedade multiétnica.

Para (LOPES, 2004, p. 72), as pessoas definem-se primeiro como machonas ou como machanganas, etc., e já não como cidadãos da mesma pátria. Isso é muito perigoso. Temos de recomeçar com todo o processo de reconstrução da nação e em condições muito mais difíceis.

O que se pode notar actualmente em Moçambique, segundo (LOPES, 2004, p.73), é que a consciência étnica está permanentemente latente por toda a parte. Mas só se realiza quando os grupos se sentem ameaçados com a perda de um privilégio adquirido antes, ou ao

contrário, quando sentem que chegou o momento politicamente oportuno para superar uma antiga negativa de um privilégio.

O autor conclui assim, que existem em Moçambique contradições étnicas. Para ele, existem sinais, de que, cada vez mais, a filiação étnica ou regional é utilizada publicamente em argumentação política. Neste âmbito (LOPES, 2004, p.72) Em função do que acabamos de descrever, revela-se, a priori, que Moçambique se confronta com a problemática étnico-linguística. Por conseguinte a valorização da relação entre culturas, por via da educação e da comunicação social, constitui para nós algo deveras importante no contexto histórico em que nos encontramos.

2.3 A Cultura- Conceito

De acordo com Canclini (2004) a Cultura é o conjunto de processos através dos quais grupos expressam imaginariamente o social e estruturam as relações com outros grupos, marcando suas diferenças. Por conseguinte, para este autor, o fenómeno da globalização tem possibilitado evidenciar a diversidade cultural do mundo e apontar para a necessidade de diálogo entre as diferentes civilizações. Ou seja, a globalização também pode ser considerada como uma complexa rede de projectos de sociedade e de diversidade de interesses traduzidos nas disputas das representações ideológicas, políticas e culturais que estão em curso actualmente.

Segundo Covane (2000) a cultura é também a forma como nós gerimos os nossos recursos e distribuimos a nossa produção. É igualmente cultura a forma como nós nos vestimos, cozinhamos e distribuimos o que é essencial para o bem-estar social.

Segundo (MUNANGA, 1984: 70) O Universo Cultural é, a um nível, um espaço amplo que se caracteriza por um conjunto de traços culturais comuns a muitas sociedades, com semelhanças, de experiencias existenciais e inúmeros intercâmbios no seu interior, num duplo movimento de adaptação e difusão. Segundo (CHRETIEN, 1978:48) no universo cultural bantu, destaca-se a pertença à mesma família linguística, semelhanças de formações económico-sociais, nas quais por exemplo, apesar da posse nominal do rei (de um chefe)

relativamente a todas as riquezas do seu país, as terras são essencialmente da pertença familiar na sua maioria ainda, civilizações predominantemente de oralidade, nas quais a tradição é, ao mesmo tempo, saber acumulado e cultura.

Ainda segundo este autor a cultura é tradição, na medida em que a prática comunicativa dos autores sociais entre si, e integradas no seu ambiente, inova e reproduz um saber cultural, mantém vivo esse mesmo saber cultural, como saber acumulado através da comunicação, de geração em geração, como valor pedagógico-educativo. Assim, a tradição não é algo estático, no sentido tempelsiano do conjunto de soluções praticas ancestrais padronizadas que regulam o comportamento de sociedades tradicionais e transmitem de geração para geração por via oral.

Neste âmbito Chretien (1978) a tradição cultural é, sim, dinâmica, porque ela é movimento interactivo de sujeitos capazes de acção e de fala, os quais se formam no interior dela e, por seu turno, matem viva a cultura. Nesse processo de formação, ela assume a função de socialização e enculturação da pessoa, produzindo e mantendo a solidariedade social. Enquanto isso, a cultura forma, também a sociedade, na medida em que aduz lealdade da pessoa para com a sociedade.

2.3.1. Língua e Cultura

De acordo com Tylor, Cultura é um tudo aquilo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costume e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade ou qualquer outra capacidade.

Segundo Erickson (1997) ainda que todas as pessoas tenham cultura, apesar de as Culturas serem diferentes. Todas as pessoas e grupos sociais possuem e usam cultura como uma ferramenta para a condução da actividade humana. Isso significa que cultura não é uma característica de grupos ou indivíduos exóticos, mas de todos nós, dominado sou dominadores. Ainda mais, todas as pessoas são multiculturais, possuindo uma diversidade cultural. É impossível para indivíduos que crescem em uma sociedade complexa contemporânea não adquirirem vários tipos de cultura - ferramentas que podem ser usadas

em diferentes ocasiões e que em parte, capacitam e limitam as actividades nas quais são usadas.

De acordo com o mesmo autor, geralmente temos dificuldade em reconhecer as diferenças entre as pessoas como sendo culturais. Acabamos, assim, julgando-as como pessoais. Essa dificuldade aumenta quando não existem diferenças visíveis, ou seja, quando as pessoas se vestem e agem aparentemente da mesma forma que agimos, pois a nossa expectativa é que essa pessoa enxergue o mundo através do mesmo quadro de referência com que enxergamos.

Neste âmbito Erickson (1997) as pessoas de uma mesma comunidade linguística compartilham o conhecimento do sistema de sons, de gramática e vocabulário de uma língua. Porém, dentro de uma mesma comunidade linguística, existem várias comunidades de fala, que são pessoas que compartilham suposições sobre as razões de falar, modos de polidez, tópicos de interesse e maneiras de responder a outros. Geralmente as diferenças entre as comunidades linguísticas são visíveis, mas as diferenças entre as comunidades de fala são invisíveis.

Para Gumperez (1982), os aspectos relacionados à cultura, principalmente as ‘pistas de contextualização’ são importantes para a realização de uma comunicação de sucesso entre pessoas pertencentes a diferentes comunidades linguísticas. A sensibilização do aprendiz para a cultura invisível de sua própria comunidade e para as de outras culturas é, no meu entender, uma necessidade para que tenhamos pessoas competentes comunicativamente.

Assim sendo a língua é, por natureza, multicultural e o facto de não termos consciência disso leva certamente a muitos mal-entendidos. O multiculturalismo passa, assim, em primeiro lugar, pela consciência de que uma língua é uma realidade multicultural, um espelho multifacetado de identidades e culturas.

2.4. Diversidade Cultural

Segundo Tylor a diversidade cultural, reside no resultado da desigualdade dos estágios evolutivos de cada sociedade.

Para (BRAMOWICZ, 2006, p.12) a diversidade pode significar variedade, diferença e multiplicidade. A diferença é qualidade do que é diferente, o que distingue uma coisa de outra, a falta de igualdade ou de semelhança. Nesse sentido, podemos afirmar que onde há diversidade existe diferença.

Entretanto segundo (CANDAU, 2008, p.19) falar sobre diversidade não pode ser só um exercício de perceber os diferentes, de tolerar o “outro”. Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença é preciso explicar como essa diferença é produzida e quais são jogos de poder estabelecido por ela. Como nos alerta Silva (2000), a diversidade biológica pode ser um produto da natureza, mas o mesmo não se pode dizer sobre a diversidade cultural, pois, de acordo com autor, a diversidade cultural não é um ponto de origem, ela é em vez disso um processo conduzido pelas relações de poderes constitutivos da sociedade que estabelece “outro” diferente do “eu” e “eu” diferente do “outro” como uma forma de exclusão e marginalização.

2.4.1 A Diversidade Cultural no Mundo de Hoje

De acordo com Moura (2005) a diversidade cultural começa a ser tema de debate a partir do processo de descolonização ocorrido na África, América Latina e Ásia, através do fluxo numeroso de emigrantes vindos das ex-colônias, para o continente europeu. Este processo migratório alcançou seu auge nos anos setenta e oitenta do séc. XX provocando uma transformação demográfica em algumas cidades europeias, e teve como consequência o surgimento de situações limites de tolerância.

Na óptica da mesma autora, a sociedade europeia agora é forçada à convivência com o “outro”, que até então vivia distante, “seguramente controlado”. O “outro”, o ex-colonizado,

frequenta agora as “ruas e praças, mercados e igrejas, escolas e cinemas” quotidianamente, disputa vagas de emprego, submete-se à tutela do estado que é responsável por sua saúde, pela educação de seus filhos e por sua segurança social que traz consigo valores que colocam em cheque suas tradições morais como instituição familiar e monogamia.

Segundo Macagno (s/d) em Moçambique a diversidade cultural é um assunto, que começou a ser discutido de forma decisiva e sistemática nos últimos dez anos. Isto é perceptível em vários campos da política cultural e de desenvolvimento, num contexto em que o fim da guerra civil e o processo de democratização multipartidária criaram bases favorável a ditas discussões.

O relatório do PNUD sobre a “liberdade Cultural no Mundo Diverso de Hoje” acentua a desigualdade de poderes, que prejudicam culturas locais e dificulta a sua participação plena no desenvolvimento. Por conseguinte, a existência de um órgão de comunicação, que privilegia as diversas línguas e culturas locais torna-se, para nós algo importante e relevante em termos de estudo.

Em Outubro de 2005, 150 Estados incluindo Moçambique aceitaram na UNESCO a “Convenção para proteger e promover o pluralismo das Expressões Culturais”. Este acordo entrou em vigor, em 2007, depois de oficialmente ratificado pelo número necessário de Estados. Isso significa que já existe uma nova base legal, que obriga estes governos a promover o pluralismo de línguas e culturas dentro da sua nação e entre as nações e a prestar contas com relatórios periódicos sobre as medidas positivas da divulgação e valorização das culturas, mesmo da minoritárias ou discriminadas. Tem sido igualmente reconhecida a importância dos sistemas tradicionais e dos aspectos culturais que determinam a relação dos grupos sociais.

Segundo Covane (2000) a cultura moçambicana não é fechada. Por conseguinte, na perspectiva deste autor, está cultura também está aberta a influências exteriores, que hoje têm dimensão multiétnica e multilinguística, que orgulha a todos os Moçambicanos. A cultura moçambicana sabe incorporar, de forma dinâmica, os valores positivos das outras culturas e

rejeita os que são nocivos ou susceptíveis de provocar mudanças negativas na sociedade moçambicana.

Segundo o autor supramencionado, preservar a cultura, não significa condenar as comunidades a viverem como elas viviam a 3 ou 4 séculos atrás. A cultura, incorporando o que é a essência da existência humana, evolui ao ritmo das transformações globais.

2.4.2. Diversidade Cultural e a Globalização

Moçambique através da sua diversidade cultural possui em si gérmen, para uma participação sem preconceitos na globalização. Assim sendo para Covane (2000) o país apresenta uma diversidade de riqueza cultural, tal que na globalização tem espaço privilegiado como agente activo do processo.

Neste âmbito, as razões, para Moçambique se colocar no conjunto dos povos participantes no processo de globalização assentam fundamentalmente na sua multissecular história de convívio com povos de quase todos os quadrantes do globo terrestre. Na perspectiva deste eminente estudioso da Cultura Moçambicana, a diversidade que nos caracteriza é uma arma bastante poderosa na luta, para não pertencermos aos globalizados, mas aos povos, que interagem neste processo de globalização que já deu indícios suficientes da sua irreversibilidade.

No mesmo âmbito Covane (2000) assenta que o processo de globalização poderá ter efeitos imprevisíveis se continuar a considerar a componente sociocultural como marginal. Na verdade, no processo de transferência de *technology know-how*, sobretudo quando se trata dos países mais desenvolvidos para os menos, estes últimos não podem ser vistos como “coitados” e bombardeados de conhecimentos, como se de sacos vazios se tratasse.

No caso de Moçambique existem instituições seculares, que constituem veículos de transmissão de valores culturais. Essas instituições são hoje sufocadas pelas tecnologias modernas. O risco que se corre é ver as gerações mais jovens como que suspensas no ar uma

vez ruptura brusca das instituições tradicionais parece deixar um vazio, o que torna vulneráveis aos efeitos da globalização.

De acordo com o ancião João, por nós contactado, hoje, não se pode deixar de recordar, que a transmissão de valores culturais obedecia à esquemas próprios. Em algumas esferas sobre a vida, os mais velhos desempenhavam um papel importante. São casos de educação sexual, morte e outros. Os anciãos falavam com certa facilidade sobre estes assuntos. O contacto discreto e a palavra eram os principais suportes da transmissão de conhecimento acumulados ao longo de gerações.

Para Covane (2000) hoje com o processo de globalização, estas práticas não encontram espaço, principalmente nas cidades e vilas. Os imperativos económicos não favorecem aquela permuta permanente de bens entre famílias, que vivem na cidade e no meio rural, hoje a tendência é dos filhos viverem não com os seus avós, mas com seus pais.

Segundo Covane (2000) estes pais muitos deles não estão preparados para certos assuntos. O papel dos mais velhos está a ser substituído pela rádio, televisão e pela internet. A escola é chamada a jogar um papel chave na produção, harmonização e transmissão dos valores culturais. Aqui cabe igualmente um papel importante aos criadores e fazedores da cultura, através da música, teatro, pintura, e outras formas de transmissão de mensagem.

2.5. Multiculturalismo

Segundo (CANDAU, 2005, p. 19) o multiculturalismo é a presença de diferentes grupos culturais numa mesma sociedade. Esta presença é vista por fatos concretos que explicitam diferentes interesses e preconceitos presentes no tecido social. Neste âmbito os “outros”, os diferentes se revelam em toda sua concretude. Esta realidade pode provocar comportamentos e dinâmicas sociais que constroem “muros” de forma física, afectiva e ideológica; evita-se o contacto e criam-se mundos próprios sem relação com os “diferentes”. Para a autora o multiculturalismo é uma realidade concreta com diferentes interesses.

Sendo a base do nosso estudo a promoção da diversidade cultural na radio Moçambique, e isso passar pelo uso das línguas neste meio de comunicação segundo McLaren (2000) a língua constitui a realidade, não apenas a reflecte, mas é um meio simbólico que refracte, molda e transforma o mundo. Indo mais além, é o meio através do qual as identidades sociais são construídas, os agentes sociais são formados e as hegemonias culturais asseguradas. É demasiado importante para a cultura que reconheçamos a natureza social da linguagem e seu relacionamento com o poder e suas formas de conhecimento.

2.6. Interculturalismo

De acordo com (CANDAU, 2005, p. 19) o Interculturalismo é a promoção das relações dialógicas igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade não ignorando as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais.

2.7. As línguas nacionais na Publicidade Da Rádio Moçambique

Nos dias de Hoje, na RM, além de existirem programas em línguas nacionais, já existem publicidades em línguas nacionais, apesar de não serem em todas as línguas que compõe o vasto território Moçambicano.

Segundo Melembe (2002) as publicidades são fonte da tradução linguística do Português para a língua escolhida pelos autores tais são os casos de algumas publicidades que foram traduzidas pelas línguas Ronga e Changana, para aumentar a amplitude das línguas nacionais na RM.

De acordo com Melembe (2002) a maioria das traduções dos textos publicitários na RM são feitos com a ajuda de um tradutor bilingue , assim sendo a RM continua a ser a única emissora em Moçambique que faz a tradução da publicidade em mais de uma língua, apesar de que por vezes a RM mistura duas línguas na tradução de uma mensagem publicitária. Ajudando assim na valorização das nossas línguas dentro da nossa sociedade.

Graças a Publicidade em línguas nacionais a RM, amplia o seu segmento não só na promoção dos programas em línguas nacionais como também na venda através da publicidade de produtos em línguas nacionais.

Melembe (2002) enfatiza também que a valorização das línguas nacionais na publicidade nos tempos em que a Rádio Moçambique se chamava RCM (Radio Clube de Moçambique), e este canal já apresentava um programa publicitário que ia ao ar nos domingos de manhã. Assim sendo em determinadas regiões do país, a publicidade já é emitida na língua da região a 12 anos. Com efeito, desde 2002 que o Emissor de Gaza transmite mensagens publicitárias próprias o que beneficia a população de Gaza pois, passa também a ter as publicidades na língua local.

Neste contexto, para a mesma autora, existem na língua aspectos que são típicos de uma determinada cultura, pois é aqui onde se nota a diversidade cultural e linguística do nosso país. Apesar de que as músicas introduzidas em algumas publicidades ainda serem em português, e possível traduzir as mesmas para a língua de cada região do país.

Ainda segundo a mesma fonte Melembe (2002), a dimensão cultural interfere nas publicidades, pois acabamos nos interpelando em duas situações, se o tradutor da mensagem publicitária for culto, e por conseguinte tenha uma cultura pessoal! Ele acabará por manifestar as ocultações, que definem a norma linguística e cultural de um determinado grupo. O facto de a língua alvo for falada por pessoas de uma cultura, muitas vezes diferente da cultura da pessoa, que fala a língua fonte tornará difícil a utilização de alguns recursos na tradução.

Para algumas publicidades tem que se impor o conhecimento de LN, e da cultura da língua.

2.7. Importância das línguas nacionais na cobertura eleitoral.

De acordo com Ndapassoa (2011) as emissoras de serviços públicos devem oferecer uma multiplicidade de pontos de vista em línguas faladas pela população. Esta obrigação é particularmente seria quando as emissoras de serviços públicos forem as principais fontes de

informação. Com o objectivo de fortalecer o conceito de pluralismo, deve haver nas várias emissoras uma cobertura noticiosa, que seja polivalente, em profundidade e imparcial, de forma a haver um debate nacional, que seja justo e informado.

Segundo Ndapassoa (2013) colocar as LN no seu devido lugar na Rádio, será um passo de democratização da Rádio Moçambique, que por excelência, deve propagar os princípios da democracia. Neste âmbito, considera que a Rádio Moçambique deve sensibilizar os políticos no sentido destes fazerem as suas campanhas pela Rádio e pela língua das populações, que querem conquistar. Por conseguinte, para se conseguir este objectivo deve-se democratizar as línguas na Rádio, dando-lhes autonomia em redacções próprias, para que cada membro da sociedade sinta com direito de fazer ouvir a sua voz e ouvir a dos outros. Democratizando as línguas, a Rádio não mais será exclusivamente dos doutores, dos que bem fala Português, porque todas as línguas estarão representadas.

2.7.1 Informação

De acordo com Araújo (1998) a informação é um elemento de fundamental importância, pois é através do intercâmbio informacional que os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir daí, tomam decisões sobre suas vidas, seja ao nível individual ou colectivo. Assim, ao estabelecerem circuitos comunicacionais os sujeitos constroem as práticas informacionais.

Estas podem ser definidas, segundo Araújo (1998) “*como acções de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem através de circuitos comunicacionais que ocorrem nas formações sociais.*”

Consideramos, assim, que a diversidade cultural passa, necessariamente, pela questão do acesso e uso de informação, pois tanto a conquista dos direitos políticos, como dos direitos civis e sociais depende fundamentalmente do livre acesso à informação sobre tais direitos, de uma ampla circulação e disseminação/comunicação de informação sobre os mesmos e de um processo de discussão crítica sobre os processos que se desenvolvem no contexto social em questão. Julgamos, por isso, que as limitações de acesso à informação dificultam a

promoção da diversidade cultural. Assim, a informação deve ser vista como um bem social e um direito colectivo como qualquer outro, sendo tão importante como o direito à educação, saúde, moradia, justiça e a tantos outros.

CAPÍTULO III

3. Metodologia De Investigação

3.1.2. Tipo e Abordagem de Pesquisa

Para o estudo do tema adoptamos a pesquisa qualitativa, segundo (RICHARDSON, 1989, p. 213) a abordagem qualitativa justifica-se, sobretudo, “por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenómeno social”, ou seja, no caso concreto deste trabalho, a contribuição da rádio na promoção da diversidade cultural.

Mas também de acordo com Lincoln (2005), a palavra qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades, sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente em termos de quantidade, quantia, intensidade ou frequência. Ele ressalta da competência de pesquisa qualitativa é o mundo da experiência vivida.

3.1.3. Instrumentos de Pesquisa

Em razão deste objectivo, estruturamos a pesquisa buscando apreender em que medida os serviços prestados pela RM em línguas nacionais promovem a diversidade cultural.

Sendo uma pesquisa qualitativa importa referir algumas características concernentes a este tipo de pesquisa que são: a Indução, interpretação, descrição e entendimento. Neste âmbito, de acordo com (TRIVIÑOS, 1997, p. 128-30) a pesquisa qualitativa caracteriza-se pelo seguinte:

- Os dados colectados são predominantemente de ordem descritiva e a indução é o princípio orientador de suas análises;
- O ambiente natural é a fonte directa dos dados e o pesquisador constitui-se no principal instrumento de manipulação dos dados;
- Há primazia do processo sobre os resultados, e o significado constitui-se no principal foco de atenção do pesquisador
- Tem ênfase na dimensão qualitativa, e buscará nos aspectos qualitativos, a melhor compreensão dos dados obtidos.

3.1.4. Técnica de Recolha de Dados

Para a colecta de dados, empregamos a técnica da análise documental, a observação directa mas focalizamos de modo mais premente a entrevista semiestruturada, feita não apenas aos provedores mas também a 20 beneficiários, dos serviços informativos da Rádio Moçambique.

Segundo (GIL, 1994, p. 113) , a entrevista, enquanto instrumento de colecta de dados, é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. Neste contexto, de acordo com (SELLTIZ, 1987, p. 16) , observa que a entrevista leva vantagem sobre o questionário no que diz respeito à comunicação, daí termos feito a entrevista aos beneficiários dos programas da RM.

Neste âmbito para (SELLTIZ, 1987, p. 16), com o entrevistador e o entrevistado presente, à medida que as questões são formuladas e respondidas, há oportunidade para um cuidado maior na comunicação das questões e em fornecer informação, além de que o entrevistador tem a oportunidade de observar tanto o sujeito como a situação total na qual a resposta ocorre.

Assim, a entrevista serviu para colher um outro tipo de dados, diferentes, e nos permitiu obter maior abrangência de informações, que porventura teriam passado despercebidas no contexto de um questionário como enfatizam entrevistado (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 188). Segundo os referidos autores, a entrevista é mais abrangente do que o questionário, pois, não estando mais irremediavelmente preso a um documento entregue a cada um dos interrogados, os entrevistadores permitem-se, muitas vezes, explicar algumas questões no curso da entrevista, reformulá-las para atender às necessidades do entrevistado.

Ainda no que concerne à técnica da **entrevista**, esta, de carácter semiestruturada foi endereçada a diferentes atores, assim identificados:

- Um entrevistado com estatuto de direcção na Rádio Moçambique
- Dois funcionários de serviços da Rádio Moçambique

- 20 Cidadãos que constituem a parte dos beneficiários da RM.

O critério de selecção da amostra prendeu-se com o facto de, segundo (MINAYO, 2004, p. 108) uma das características que mais diferenciam a pesquisa qualitativa da quantitativa em relação à amostragem é a quantidade de sujeitos sociais pesquisados. Neste contexto considera que o número não deve ser muito grande, mas deve ser suficientemente pequeno de forma a permitir que o pesquisador seja capaz de conhecer bem o objecto de estudo.

Seleccionamos uma amostra que, mediante a aproximação existente, nos permitisse identificar e analisar com relativa profundidade dados não-mensuráveis, como sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações em relação ao problema específico, em abordagem (no caso vertente a diversidade cultural no contexto da Rádio).

Na selecção e definição da amostragem privilegiamos indivíduos com uma vinculação mais significativa para o problema investigado. No caso vertente os seleccionados estão relacionados com a Rádio Moçambique, como ouvintes assíduos e particularmente dotados de competência linguística e comunicativa não apenas na língua portuguesa mas também em alguma língua bantu. Com efeito, conforme elucida (MINAYO, 2004, p. 108) são as pessoas mais

envolvidas no problema que normalmente serão mais relevantes, para a pesquisa qualitativa.

Na perspectiva de considerar as múltiplas dimensões do objecto de estudo, não nos cingimos aos beneficiários pelo que procuramos também apurar a perspectiva dos provedores.

Através dessa técnica foi-nos possível obter dados sobre o campo de actuação da Rádio Moçambique, suas actividades bem como a apreensão dos acordos que nortearam a implantação das emissões provinciais em língua nacional. Assim, para aqueles entrevistados elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada, ressalvamos, porém, a adequação na

formulação das questões, em função do perfil do entrevistado e das informações a serem obtidas com os mesmos.

A partir das entrevistas obtiveram-se dados de duas naturezas que, segundo (MINAYO, 2004, p. 108), se identificam como *objectivos* e *subjectivos*. Os que se referem a fatos que o pesquisador poderia conseguir através de outras fontes, *dados objectivos* e os que se referem directamente ao individuo entrevistado, isto é, suas atitudes, valores e opiniões. São informações ao nível mais profundo da realidade que os cientistas sociais costumam denominar de *dados subjectivos*; que só podem ser conseguidos com a contribuição dos actores sociais envolvidos.

No que concerne à **análise documental**, como a semântica do próprio nome sugere, é toda a fonte de informação já existente, quer seja impressa, ou uma série de perguntas abertas feitas oralmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador tem a possibilidade de acrescentar questões de esclarecimento Segundo (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 333). quer audiovisual quer documental. Esta técnica visa secundar as constatações extraídas na entrevista. Assim,

foi-nos possível analisar os estatutos da RM, a grelha de programas da RM, e ouvir alguns programas gravados.

A última técnica, por nós adoptada, foi a da **observação**. Através dela, pudemos ter a oportunidade e privilégio de entrar em “contacto com o real”. Todavia importa enfatizar que, no dizer de (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 333) , a observação só tem um carácter científico se for posta ao serviço de um objecto de pesquisa com questão ou hipótese claramente explicitado. Para o nosso caso, esta técnica serviu apenas para complementar e legitimador os dados obtidos a partir das outras modalidades.

Apenas tivemos a oportunidade de a título de observadora, estar presente em três reuniões de programação semanal de emissões em línguas locais, factor que nos permitiu viver as nuances e o clima organizacional concernente, os constrangimentos vividos no quotidiano laboral, os actores envolvidos, os limites e as possibilidades.

Na mediateca da Rádio Moçambique foi possível reforçar os dados colhidos nas entrevistas, nomeadamente, sobre o que a Rádio Moçambique faz para promover a diversidade Cultural, o que nos ajudou a apreender mais ainda a realidade do nosso objecto de pesquisa. Todos os dados obtidos a partir desses instrumentos foram analisados à luz do referencial teórico construído tendo em conta as categorias de análise e dos objectivos, apresentando-se os resultados no capítulo correspondente.

CAPÍTULO IV

4. Breve Historial da RM

O principal objectivo deste capítulo é apresentar alguns elementos sobre a História da Radiodifusão em Moçambique, o panorama geral da Rádio Moçambique, a sua implantação e sua história sua formação, a inserção de programas em línguas nacionais, e a natureza de tais programas.

A 18 de Março de 1933 é feita em Moçambique a primeira transmissão radiofónica, tendo como pioneiro o Grémio de Radiófilos da Colónia de Moçambique, a estação radiofónica chamava-se Rádio Clube de Moçambique (RCM), era um clube privado de colonos portugueses baseados na cidade de Lourenço Marques (Maputo).

Nesse período existiam apenas 1.400 aparelhos de rádio em Moçambique. Com a independência, o governo da Frelimo aboliu a radiodifusão privada e nacionalizou as estações (rádio Pax, uma estação da Igreja Católica emitida em AM (ondas curtas), para formar a nova RM, controlada pelo estado. De acordo com Melembe (2002) a Rádio Moçambique é uma instituição pertencente ao governo moçambicano, e foi criada oficialmente no dia 2 de Outubro de 1975, cerca de três meses após a Independência de Moçambique, tem estações provinciais e regionais, e transmite as suas emissões em línguas nacionais e em Português.

Para as Fundações da Open Society (2010) a RM é o principal órgão de comunicação social de Moçambique, pois o seu sinal cobre a quase totalidade do território nacional. O seu canal nacional transmite 24 horas por dia, na língua portuguesa a partir da sua sede em Maputo. Este órgão de comunicação social possui emissões sem onda média (OM) em 10

provincias do país, pelas quais transmite programas em língua portuguesa e nas línguas nacionais.

Segundo a mesma fonte actualmente, a Rádio Moçambique transmite emissões em vinte e uma (21) línguas diferentes. Que são: o português, como a língua oficial do país, 19 línguas nacionais e inglês, para os seus serviços externos dirigidos principalmente a diáspora nos países vizinhos).

A RM transmite em 14 canais:

- Nove canais provinciais/regionais
- O Canal Nacional
- Rádio Cidade – Maputo
- Rádio Cidade – Beira
- Maputo Corridor Rádio
- RM Desporto

Nos emissores Províncias do nosso estudo de caso se encontram nas seguintes frequências.

Emissão Provincial de Quelimane		1 179 Khz
Emissor Provincial Gaza	810 Khz	90.9
Emissor provincial Inhambane	1 206 Khz	105.1 Mhz
Emissão Provincial Tete		963 Khz

Tendo em conta a situação linguística do país, a Fundações da Open Society (2010) afirma que os emissores nacionais usam pelo menos uma a duas línguas nacionais, e possuem a própria grelha de programas em línguas locais, focalizado os conteúdos em temas virados a respectiva região explorando tópicos como desporto, agricultura, malária e cultura, VIH/SIDA e outros. Os emissores provinciais, por também transmitirem emissões em

línguas nacionais, são o principal meio de transmissão de mensagem a população que não fala a língua oficial sobre os assuntos locais e de importância para os mesmos, tais como o recenseamento eleitoral que aconteceu a poucos meses, alertas sobre ameaças de inundações ou de outros desastres naturais.

Nos Emissores Provinciais: A RM nas estações provinciais, incide mais nos programas em línguas de cada região onde é emitida. A RM é o meio mais influente para a maior parte da

população de cada província. Cada emissor procura escolher as duas línguas mais faladas localmente e promover uso de diversas línguas nacionais do país. As estações provinciais também servem como canais importantes, para a transmissão de anúncios públicos sobre importantes eventos nacionais, tais como educação cívica eleitoral ou prevenção contra cheias e outras calamidades naturais.

No Canal Nacional: Por ser o canal nacional, são só emitidos programas em língua portuguesa que é a língua oficial de Moçambique. Este canal procura cobrir assuntos de interesse geral para todos os cidadãos ao nível nacional. O seu principal enfoque é no serviço noticioso, por isso, o noticiário é transmitido em cada hora. O canal promove a cidadania activa, através de debates em directo com a possibilidade de chamadas do exterior, durante as quais vozes da sociedade civil podem ser ouvidas e os cidadãos podem interagir com as autoridades públicas a vários níveis. Também transmite programas educativos e culturais. Este canal nacional procura também promover a História, a identidade cultural e os valores morais dos moçambicanos. Para além disso, procura manter os moçambicanos vivendo no estrangeiro ligados ao país através do seu *website*.

Rádio Cidade – Maputo: Este é um canal de FM, dedicado a uma audiência mais jovem e cobrindo os centros urbanos de Maputo e Matola. A sua programação centra-se nos problemas comuns da juventude e com frequência levanta questões relacionadas com jovens e estudantes, tais como a formação profissional e acesso às oportunidades de emprego, prevenção e tratamento do HIV/SIDA, bem como desporto e valores morais. Nas horas mortas da noite, também dedica a sua programação à música clássica para os entusiastas.

Rádio Cidade – Beira: Este é um canal em FM também dedicado a camada jovem, cobrindo as áreas urbanas da cidade da Beira. Também só transmite em português.

Maputo Corridor Rádio: Este é o serviço em Inglês da RM. Transmite do meio-dia a meia-noite em FM, cobrindo a cidade de Maputo, seus arredores e o segmento do Corredor de Desenvolvimento de Maputo, que liga Moçambique e a África do Sul. Este canal promove, particularmente, música moçambicana e africana. Os seus boletins noticiosos de hora-a-hora focam, principalmente, sobre acontecimentos nacionais e da região da África Austral.

Estudantes que pretendam aprender ou melhorar os seus conhecimentos da língua inglesa são parte do grupo alvo do estação.

RM Desporto: Este é o único canal no país, exclusivamente, dedicado a informação nacional e internacional sobre o desporto, transmitindo em português. Foi criado em 2003 como forma de alargar o espaço radiofónico para a promoção do desporto, incluindo transmissões em directo de importantes acontecimentos desportivos nacionais e internacionais. A RM Desporto vai no ar 20 horas por dia, das 05h00 as 24h00 e tem como audiência alvo praticantes do desporto, treinadores e entusiastas desportivos no geral.

4.1.1. Surgimento de programas em Línguas Nacionais

De acordo com Ndapassoa (2003) a existência de línguas nacionais na RM vem já desde o tempo colonial, no decorrer da luta armada, pois a maioria do povo nessa altura ainda era analfabeta e recorria a rádio para poder se informar sobre o estágio da guerra e a situação nas outras localidades vizinhas. O mesmo autor enfatiza que, em Maputo, surgiu em 1957 a “Hora Nativa” um programa (inicialmente de 15 minutos aos domingos de manhã) em Xironga, montado para entreter e fazer crer que havia uma valorização da cultura nacional através da difusão de ritmos locais (a marrabenta) e de receitas de comidas típicas da zona.

Ainda de acordo com Ndapassoa (2003) com o recrudescimento da luta armada de libertação nacional o regime colonial criou em 1970 programas emitidos a partir da Beira e dirigidos para as zonas onde a guerra era mais intensa (Cabo Delgado, Niassa e Tete) em Kiswahili, Ciyao, Cinyanja e Cinyungwe, exactamente com o objectivo de desinformar as populações sobre os objectivos da guerra e de atingir os países limítrofes com material anti Frelimo.

Segundo Machungo (1998), a maioria do povo moçambicano não fala a LP, sendo a língua um dos principais factores culturais que influenciam o povo moçambicano. Em Moçambique, o português é a língua oficial e de ensino, porém os dados do recenseamento populacional de 1997 revelou ser a língua-mãe de apenas 6,5% da população.

Ainda de acordo com Machungo (1998), a escolha do português como língua oficial em Moçambique deveu-se a vários argumentos, destacando-se dentre eles, o seguinte: nas

sociedades africanas, etnicamente diversificadas, das quais Moçambique faz parte, as línguas europeias apresentam-se politicamente neutras, evitando o confronto entre várias etnias locais, o que ajuda a resolver o problema da integração nacional.

Assim sendo houve uma necessidade de buscar programas em LN para facilitar a compreensão daqueles que faziam parte da maioria que não são falantes da LP.

4.1.2. Critério de Selecção das Línguas

Segundo Ndapassoa no Blog Missangani, a questão imediata que se colocou à Rádio Moçambique é: transmitir sim em Línguas Nacionais, mas em quais. Os Estatutos da Rádio Moçambique dão a resposta: nas línguas moçambicanas mais faladas em cada província. A RM preferiu estudar e analisar caso a caso. Por exemplo na Zambézia, transmite em duas línguas nacionais; em Inhambane em 3 (em certo momento, introduziu uma quarta- o CINDAU).

Deste cenário multilingue emerge um outro problema. Quanto tempo de antena deve ser atribuído à qualquer uma das línguas nacionais em questão? Aqui a Rádio Moçambique optou, no geral e no espírito, por estabelecer uma relação proporcional entre tempo de antena e número de falantes.

Porém, o resultado é muito complicado e de certa forma contraditório. Por exemplo, o Makhuwa, em Niassa tem de emissão diária 1 hora e é falado por 48 % da população. O Cinyanja, com 8 %, tem 4 horas diárias*.

Temos ainda o caso da língua sena que é falada por 8 % da População na Zambézia, 12 em Tete, mas não é transmitido naquelas províncias. O Kimwani, porém, com apenas 6 % de falantes em Cabo Delgado, tem duas horas de emissão. O Português, apesar de ter nitidamente poucos falantes, em todo o território nacional, ocupa nos emissores provinciais cerca de 45 % do tempo de transmissão. Há muitas razões que explicam este estado. Mas avulta o princípio de ser língua de unidade nacional; o de ser língua de ensino; língua, portanto, oficial. E, por fim, é indiscutível que o português é a língua cuja distribuição inter-regional supera qualquer outra falada em Moçambique.

As diferentes maneiras de falar uma mesma língua também proporcionam alguns constrangimentos. Dentro do Ndau, por exemplo, falado na província de Sofala, há inegáveis diferenças. Por exemplo, o Cindau falado na cidade da Beira e o de Machanga, mais a sul, não é igual.

Alguns críticos podem dizer que este problema não atrapalha a comunicação; que as pessoas acabam entendendo-se. Mas cada um fala e ouve com mais agrado a variante que os pais e avós lhe ensinaram. Existe uma tendência para rejeitar ou estranhar outras formas de falar a mesma língua.

Contudo, a própria comunidade de falantes da mesma língua acaba elegendo uma das variantes como a de referência (ou franca, ou de maior estatuto) que é aceite, falada e compreendida por todos. Tem sido esta variante que a Rádio Moçambique selecciona para as suas emissões. Na falta desta aceitação (compromisso) tácita a este nível, são convocados outros elementos sociolinguísticos, tais como políticos, económicos, históricos, sociológicos, localização geográfica.

4.1.4. Natureza e Características dos programas da RM (em Línguas Nacionais)

4.1.4.1. Programas Infantis

Sendo a Rádio, um meio de comunicação de massas, os seus programas têm que seguir os padrões deste tipo de meios de comunicação. Assim sendo, para a escolha de conteúdos e tipo de programas, a RM não fez diferente daquilo que apanágio dos meios de comunicação de massas.

Neste contexto, para Ana Vilela (2008) os programas infantis, a nível do Serviço Público de Radiodifusão em línguas nacionais, deveriam ser concebidos tendo em conta a faixa etária das crianças que devem beneficiar dos mesmos, podendo ir dos 3 aos 12 anos, pois estas faixas compreendem as idades pré-escolares (dos 3 aos 5/6 anos) e escolar mais nova (dos 5/6 aos 10/12 anos). Isto significa que os programas devem contemplar as características específicas dessas idades, com actividades e intervenções infantis que contribuam para o desenvolvimento harmonioso da criança.

Na mesma vertente Zitha (2011) salienta que a criança de hoje é o Homem do amanhã, o futuro deste país, o futuro deste mundo, é importante que se encontrem parâmetros de socialização para que não cometam ou repitam os erros que a humanidade actual tem vindo a cometer.

"Hoje temos o actual programa da criança, iniciado a 20 anos, procurando cumprir com a tarefa de informar, formar, educar e divertir a criança em português e nas LN. Não tem sido fácil produzir um programa como este, tendo em conta dificuldades de vária ordem, em particular financeira, para a formação dos produtos do programa (crianças, adolescentes, jovens e adultos), para se conseguirem meios materiais para convívio directo com a criança, realização de entrevistas, estímulos, diversificação de conteúdos que cativem o pequeno ouvinte, etc."

4.1.5. Grelha de programas-Rádio Moçambique

Como foi supramencionado a Rádio Moçambique (RM) transmite diariamente em 21 línguas: em Português, em 19 línguas nacionais e em Inglês. O Canal Nacional é a principal estação da RM. Transmite boletins noticiosos de cinco minutos a cada hora, e oferece um conjunto de programas informativos, totalizando três horas e meia por dia:

- *Jornal da Manhã*, 06h00 – 08h00: Este programa inclui 30 minutos de debate em directo, chamado “café da manhã”, com um convidado e participação do público via SMS, correio electrónico e telefone. O “café da manhã” é um dos espaços mais populares de rádio que promovem uma participação mais aberta dos cidadãos sobre questões de governação.
- *RM Jornal*, primeira edição, 12h30 – 13h00: Este é um serviço noticioso e de reportagem, que actualiza os ouvintes sobre os mais recentes acontecimentos nacionais e internacionais do dia.

Também inclui informações importantes provenientes dos emissores provinciais. Segundo as Fundações da Open Society (2010) há mais duas actualizações informativas ao longo do dia:

- *RM Jornal*, – 2ª edição, 19h30 – 20h00
- *Último Jornal*, 23h00 – 23h30.

Para além disso, o Canal Nacional da RM transmite mais do que 6 horas de programas de informação geral em vários formatos por semana, desde programas com a participação do público através de chamadas telefónicas até reportagens de fundo:

- *Panorama Político*: um programa de 60 minutos sobre questões nacionais da actualidade.
- *Linha Directa*: é um programa que vai para o ar, todos os Sábados de manhã: um debate em directo de 120 minutos sobre uma questão específica de impacto nacional ou internacional. Inclui chamadas telefónicas de ouvintes de todo o país.
- *Parlamento*: Quando estamos no mês em que o parlamento está aberto a RM emite um programa de 60 minutos centrado nas principais questões debatidas no parlamento durante a semana. Ele oferece excertos dos debates e transmissões em directo.
- *Raízes Moçambicanas*: um programa de 60 minutos abrangendo a área cultural. É uma combinação de notícias e reportagens sobre todo o tipo de expressões culturais moçambicanas, incluindo a literatura, artes visuais, canção, dança e diversas práticas e crenças tradicionais.
- *RM Desporto*: um programa diário de 20 minutos, que reporta acontecimentos desportivos nacionais e internacionais. Em relação à cobertura de questões nacionais e locais tem havido reclamações de que o serviço nacional da RM tende a concentrar-se mais em Maputo, e que por exemplo, províncias mais populosas do norte, tais como Zambézia e Nampula recebem pouca atenção.

4.2. Apresentação dos Resultados das Entrevistas

4.2.1. Visão dos Provedores

De acordo com dados colhidos, no âmbito da entrevista semi-estruturada efectuada junto de uma entidade responsável pelos programas emitidos em línguas nacionais, a nível da Rádio Moçambique, segundo Ndapassoa: o processo criativo da RM é idêntico a outros meios de comunicação social, e vai de encontro aquilo que é a necessidade do mercado, e as

necessidades Internas da Própria RM, tendo em conta também a necessidade da emissora, os conteúdos e os programas são por vezes criados pelos profissionais de rádio neste caso os próprios locutores.

A RM transmite programas em directo e em diferido, e fazem parte da grelha dos programas, todo tipo de programas com mais ênfase nos programas de cariz educativo e recreativo. Programas como explicação de sentidos de palavra, manifestação e divulgação de expressões culturais fazem parte das escolhas dos canais em LN.

De acordo ainda com Ndapassoa: as províncias não são culturalmente homogêneas, pelo que têm várias línguas e grupos etnolinguísticos. Por conseguinte, a Rádio Moçambique emitindo em várias línguas acaba espelhando aquilo que é a diversidade cultural de cada região.

Na perspectiva desta fonte oral, existe uma correlação entre a língua e a cultura. Com efeito, na perspectiva de Ndapassoa, ao usar as línguas Moçambicanas, a RM busca fundamentalmente preservar e promover a cultura Moçambicana, através de canções, provérbios e contos em línguas locais e todo um conjunto de expressões veiculares, que contribuem para que as línguas mantenham a sua actualidade e se renovem com a adopção de um léxico actualizado, para exprimir novas realidades correspondentes ao momento actual da vida contemporânea. A língua esconde nela a cultura de um povo.

As emissões em línguas nacionais são feitas em duas ou mais línguas, podendo ser feita a abertura em uma e o fecho em outra língua, conforme mostra a explicação abaixo.

- Em Lichinga - A abertura da emissão é feita em língua Yao, e o fecho em Nyanja podendo por vezes alterar, sendo de madrugada a emissão fundamentalmente recreativa, existem programas desportivos nas duas línguas, que são o rescaldo e agenda desportiva.
- Quelimane - a abertura e o fecho da emissão é feito em língua Lomwe (Elomwe), as madrugadas em Chuabo, e nos domingos a emissão em línguas locais é interrompida às 12 horas e só depois disso a emissão passa a ser transmitida em língua portuguesa.
- Tete - A abertura é feita em língua Sena e alterna com a língua o Ndau.

- Inhambane- A abertura e o fecho são feitos em língua Xitshwa, mais existem programas em Gitonga e Ndau.

Para este ano será produzido um CD para que se possa imortalizar os programas, se retirando programas das emissões regionais, tais como o festival da cultura, contos adultos, contos infantis, Karingawakaringana e Mabulo.

4.2.2. Visão dos Beneficiários

Para se obter a perspectiva dos beneficiários foram entrevistados 20 Cidadãos todos ouvintes da RM, não apenas a nível do Canal Nacional, mas também e sobretudo acompanhantes dos emissores provinciais, no caso vertente de Maputo, Gaza, Inhambane e Quelimane e Tete. Foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, tendo sido feita a devida adequação das questões, em função do perfil do entrevistado e das informações a serem obtidas com os mesmos. De forma genérica foi possível apurar o seguinte:

Analisando os entrevistados, a faixa etária e a região do país de onde são provenientes, 60% dos ouvintes das emissões em línguas nacionais residem nos distritos do país, e a minoria

de 22% nas capitais províncias provando assim que os programas em línguas nacionais são mais ouvidos pelas pessoas que estão nos distritos e vilas. Neste caso só as pessoas que em situações comunicativas falam as línguas nacionais, para além do português. Constatámos que 95% das pessoas que mais ouvem os programas em línguas nacionais, são cidadãos que não falam fluentemente a língua portuguesa.

Verificou-se que nas capitais províncias 40% das pessoas ouvem os programas em língua Portuguesa com mais abrangência para o Café da Manhã, por ser um programa feito pela manhã, e muito dos ouvintes, ouvirem a caminho das suas tarefas diárias. No que se refere a promoção da diversidade cultural 70 % diz que a RM espelha aquilo que é a nossa diversidade através dos programas em línguas nacionais, mas 90% considera que essa promoção ainda não é sentida na sua totalidade, que há necessidade de se passar mais programas de cultura, e de se atingir os jovens para que possam apreender mais sobre a cultura do país.

Do mesmo contacto mantido com os ouvintes da RM, e pelos dados que nos revelam, podemos afirmar que a promoção da diversidade cultural que a rádio faz é receptível pelos seus ouvintes, mas carece ainda de mais aprofundamento dos nossos usos e costumes, pois a maioria dos apresentadores em línguas nacionais, são jovens, que passam por uma formação que a RM dá para serem apresentadores dos mesmos programas.

- Os programas de informação, e de entretenimento são os mais ouvidos pelos ouvintes da RM das emissões em LN, havendo mais ênfase da cultura, nas semanas culturais e na época dos festivais. De salientar que os festivais só acontecem uma vez em cada ano.
- Abordam temas da actualidade, e a maioria dos programas musicais passam predominantemente música moçambicana, mais deve-se promover mas a percepção generalizada é de que se deve ainda mais programas sobre a nossa cultura.
- Para maior promoção da diversidade e valorização da cultura deve haver maior abrangência em conteúdos desta área, para a sua devida divulgação. Neste âmbito os mitos, as realizações artísticas, as manifestações religiosas, informações sobre o património imaterial e material local devem ser foco de abordagem radiofónica.
- Visto que a informação sobre a cultura ainda não é muito abrangente, deveria-se ampliar os conteúdos para que se busque mais sobre as nossas raízes, e trazer as verdades ocultas da tradição do povo Moçambicano. Daria uma mais-valia a ênfase de conteúdos sobre os nossos usos e costumes.
- Além de programas de música juvenil, deve existir outros programas com mais ênfase para que a juventude possa assimilar os valores, as atitudes comportamentais mais nobres consentaneas a cultura.
- Já que a emissão em LN transmite a informação da região é importante que se faça uma programação com maior enfoque nas questões culturais e de cada região.

CAPÍTULO V

5.1. Conclusão

A nossa pesquisa chega ao fim, mas importa referir que a análise que acabamos de fazer tinha como objectivo verificar em que medida a Rádio Moçambique promove a diversidade cultural, nos programas por si emitidos nas emissões em línguas nacionais. A hipótese, que norteou a nossa pesquisa se revelou válida, a RM por meio da sua programação bem como dos serviços fornecidos à sociedade tem contribuído de forma segura para a divulgação e a

valorização da diversidade cultural e linguística. Neste sentido, finda a pesquisa tendo em conta a pesquisa bibliográfica, a análise documental, as entrevistas e a observação efectuada constata-se o seguinte:

As questões de pesquisa foram desdobradas no diálogo com provedores e beneficiários tendo em vista perceber, efectivamente o seguinte:

- Sendo Moçambique um país onde a cultura oral é predominante, e veiculada principalmente, pelas línguas bantu, como é que isso está reflectido na programação da Rádio Moçambique?

A este respeito verifica-se que a programação em línguas nacionais da rádio Moçambique, no seu devido espaço de antena veiculado, pelos diversos emissores provinciais radica-se nos conteúdos culturais locais, sendo que o noticiário, o desporto, os contos e lendas inspirados no quotidiano oral local. Neste âmbito, a perspectiva de inclusão abrange: programas com telefonemas, emissões ao vivo nos emissores provinciais, debates sobre a vida dos ouvintes, programas com transmissão em directo e deferido.

- Como são concebidas as línguas de origem bantu e as culturas na Rádio Moçambique, tendo em conta uma relativa hegemonia da Língua Portuguesa, como língua oficial?

No que concerne a esta questão verifica-se, que existe uma preocupação de segmentação da audiência de acordo com as necessidades específicas do auditório. Neste âmbito, para um público mais urbano e quando se pretende veicular informações mais generalistas, actuais e concernentes a todo o país, o Canal Nacional em Português constitui o suporte. Os canais provinciais veiculam mensagens em línguas nacionais e tem uma particular incidência nas zonas rurais.

- Em que medida a Rádio, sendo um meio de comunicação de massas, e que chega até aos locais mais recônditos, consegue espelhar através da sua programação a diversidade cultural, existente em Moçambique?

Há uma mensuração prévia do nível de disseminação de cada língua em cada província a fim de identificar as maioritárias de modo a selecciona-las para a programação radiofónica. Este facto ajuda a de certo modo definir o perfil linguístico do país. Naturalmente trata-se de uma questão delicada, uma vez que ninguém se deve sentir excluído do seu direito a informação e a expressão cultural, no contexto plurilinguístico e cultural do país e não é possível uma abrangência absoluta das línguas na programação da rádio.

-Até que ponto os programas em línguas moçambicanas (bantu) contribuem para a preservação da diversidade cultural e linguística?

Efectivamente verifica-se um efectivo contributo da Rádio neste aspecto. Sendo a Rádio Moçambique um órgão do sector público de radiodifusão constata-se, positivamente, que transmite as suas emissões em várias línguas (vinte e uma) dezanove das quais moçambicanas. No contexto desta diversidade o grande desafio consiste na distribuição deste tesouro linguístico e cultural ao longo das suas 19 horas de emissão, nos emissores provinciais, dado que as províncias são multilingues e torna-se difícil estabelecer um equilíbrio em termos de horas de emissão e percentagem de falantes.

- Se a garantia do direito à informação passa, necessariamente, pela questão educativa, dado que a Educação assegura a aquisição e consolidação de habilidades cognitivas com vista à interpretação da informação que se é fornecida, em que medida se pode falar em democracia participativa num contexto plurilinguístico. Se o factor língua pode condicionar o acesso a informação?

O Direito à informação e à comunicação, pois a marca de uma sociedade democrática é que os cidadãos não só tenham o direito de receber todas as informações e de comunicar-se, mas têm principalmente o direito de produzir informações e comunicá-las. Portanto, a cidadania cultural põe em questão o monopólio da informação e da comunicação pelos mass media e o monopólio da produção e fruição das artes pela classe dominante; Sendo inevitável que o factor língua condicione o acesso de informação, pois ainda não é possível termos a informação em todas as línguas do nosso país, por isso buscou se minimizar a situação buscando a base da maioria linguística para as escolhas de língua usada para disseminação de informação.

Constata-se ainda que em termos de promoção da diversidade cultural a RM possibilita de certo modo, um exercício de cidadania cultural que se consubstancia no seguinte:

- Direito de produzir acções culturais,
- Direito de fruir os bens culturais, isto é, de não ser alvo da exclusão social e política;

E ainda, Verifica-se ainda a título conclusivo que a RM procura fortalecer o pluralismo por via de um noticiário com assuntos internacionais, nacionais e locais e uma cobertura polivalente do processo político através da concessão de tempo de antena as diversas

formações políticas em tempo de antena e da disponibilidade de uma variedade de pontos de vista em línguas faladas pela população, sobre assuntos de fórum internacional, nacional e local.

Recomendações

Para o melhoramento dos programas em língua nacional e necessário que se faça a formação contínua dos profissionais envolvidos em programas e conteúdos em línguas nacionais. A RM poderá pelo menos 1 vez, por ano, ou de 2 em 2 anos promover seminários e pesquisas com o auxílio de instituições vocacionadas para a capacitação dos seus funcionários em matéria de língua e cultura nacional, produção e fornecimento de uma bibliografia mínima e actualizada virado a línguas nacionais, que servira para consulta, e aperfeiçoamento em matéria de cultura e línguas nacionais.

Bibliografia

1. Artigo 9 da constituição da Republica
2. Artigo 48 constituição da Republica
3. ARENDT, H. *A condição humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997
4. ARAUJO, E. A. de. *Práticas informacionais na Cyber- Society; análise do uso de Redes de Comunicação Eletrônica por Organizações Não Governamentais/ONGs da Região Nordeste do Brasil*. In: Anais do III Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO/IBICT, 1997.
5. . _____. *A construção social da informação: práticas informacionais no contexto de organizações não-governamentais / ONGS Brasileiras*. 1998. 221 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação).
6. ABRAHAMSSON, Hans; NILSSON, Anders. *Moçambique em transição: um estudo da história de desenvolvimento durante o período 1974-1992*. Maputo: Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, 1998.

7. ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.
8. CANDAU, Maria Vera. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In CANDAU, Maria Vera (org). **Cultura (s) e educação: entre o crítico e pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
9. CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidade*. Barcelona: Gedisa, 2004.
10. CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural- Textos de Morgan Taylor e Jorge Zahar*, Rio de Janeiro, 2007.
11. Declaração Universal da UNESCO
12. DIAS, S. A. _____ A Actuação Informacional do Instituto Camões no Processo da Construção da Cidadania Moçambicana: O caso de Maputo 2006. Tese (Pós- Graduação em Ciência da Informação).
13. Declaração das Nações Unidas sobre a Concessão da Independência aos Países e Povos Coloniais 4, que, a 14 de Dezembro de 1960.
14. DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2005.
15. FIRMINO, Gregório. A “questão linguística” na África Pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique, Maputo: Texto Editores, 2006
16. FIRMINO, Gregório. *A questão linguística africana pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*, Maputo: Promédia, 2000.
17. FLEURI, Reinaldo Matias, in *Palestra Proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire- 2005*. www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf
18. GIL, António Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1994.
19. LAVILLE, C. & DIONNE, J. *A construção do Saber*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
20. LOPES, José de Sousa Miguel. *Cultura acústica e letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural*. São Paulo: Educ, 2004.
21. MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.
22. MENDES, Irene. *O lexema Verbal no Português de Moçambique: aspectos neológicos e terminológicos*. Maputo: Promédia.
23. MELEMBE, J. E. *Tradução da Mensagem Publicitaria do Português para as Línguas Rhonga e Changana nos Emissores da Rádio Moçambique*, tese (De licenciatura-Faculdade de Letras) Eduardo Mondlane 2002.

24. MOURA, Milton. *Diversidade Cultural e Democracia: Breve Reflexão sobre os Desafios da Pluralidade*. Textos e Contextos, Salvador, v 3, n 3, p. 29-38, 2005.
25. MUNANGA, Kabengele. *Identidade, cidadania e democracia*: 1984: 70).
26. **Machungo (1998)**
27. MAZULA, B. *Democracia e Desenvolvimento*. Maputo: Associação Joaquim Chissano 2001
28. MACHEL, Graça. *Reencontrei oportunidade para ser feliz de novo*. Maputo: Domingo, set. [198-].
29. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
30. NDAPASSOA, António Miguel (Org). *Radio Moçambique: Serviço Publico de Radiodifusão- Desafios do Presente e do Futuro*, Maputo, 2011
31. RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.
32. SERFERT, T.A. *Diversidade Cultural*, 2005
33. SELLTIZ, Claire et al. *Método de pesquisa nas relações sociais: medidas na pesquisa social*. São Paulo: EPU, 1987.
34. SILVA, Tadeu. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (2000)
35. Sociedade do Notícias S/A. Página visitada em [23 de Maio](#) de [2013](#).
36. “TV e Radio: uma análise comparativa”, in: MISA-Moçambique (2006), *Relatório anual sobre o estado da liberdade de imprensa*, 2005. Acessado em 1 de Maio de 2014.
37. TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987
38. O relatório do PNUD sobre a “liberdade Cultural no Mundo Diverso de Hoje”
39. <http://estamosjunto.blogspot.com/2008/10/linguas-nacionais-e-comunicacao-2.html> (blog Missangani)
40. http://www.pap.org.mz/downloads/programa_quinquenal_do_Governo_2010_1014.pdf

Entrevista para Efeitos de Pesquisa

Grupo Alvo: beneficiários das Emissões Províncias em línguas Nacionais

1. Dados pessoais:

A. Idade_____ B. Profissão_____

B. Residência_____

2. E ouvinte assíduo da Rádio Moçambique?

3. Tem escutado algumas emissões em línguas nacionais?

4. Quais são os programas que mais ouve?

____ Porque razão?

5. Na sua opinião, esses programas espelham aquilo que é a nossa cultura?

6. Moçambique e um país com uma grande diversidade cultural, étnica e linguística. Na sua perspectiva, como ouvinte, o que deve ser feito, para maior promoção e valorização dessa diversidade cultural pela Rádio Moçambique e/ou outros órgãos de comunicação social?

FIM!

Entrevista aos Provedores

1. Os locutores que fazem os programas em línguas nacionais são formados para tal?
2. Como são criados os programas de línguas nacionais?
3. Quantos programas em línguas nacionais existem?
4. Qual e o critério de escolha para o conteúdo dos programas em cada língua?
5. Em que medida a Rádio, sendo um meio de comunicação de massas, e que chega até aos locais mais recônditos, consegue espelhar através da sua programação a diversidade cultural, existente em Moçambique?
6. Até que ponto os programas em línguas Moçambicanas (maternas) contribuem para a preservação da diversidade cultural e linguística
7. Em que medida a Rádio constitui um espaço efectivo de diálogo intercultural?

